



**FOTOGRAFIA NA TERCEIRA IDADE: CONSTRUINDO VISUALIDADES A
PARTIR DE MEMÓRIAS**

**PHOTOGRAPHY IN THE THIRD AGE: BUILDING VISUALITIES THE
MEMORIES FROM**

DOI - <http://dx.doi.org/10.5965/198431781122015171>

Ana Claudia de Sousa Farias - URCA/CE

RESUMO

Para essa experiência de estágio apresentamos uma proposta de Oficina de Fotografia com indivíduos da terceira idade, onde trabalharemos com a Fotografia Encenada a partir das memórias de cada participante da oficina. Objetivando refletir mais a respeito do lugar que o idoso ocupa na sociedade, escolho o tema Memória como eixo central desta experiência. É sabido que através de nossas memórias podemos resgatar as experiências que construíram nossa história, trazendo à tona lembranças para a construção de narrativas visuais por meio de uma série de fotografias.

PALAVRAS-CHAVE: memória, fotografia, idoso

ABSTRACT

For this internship experience propose a Photography Workshop with older adults, which will work with the Staged Photography from the memories of each workshop participant. Order to reflect more about the place that occupies the elderly in society, I choose the topic memory as the centerpiece of this experience. It is known that through our memories can redeem experiences that built our history, bringing up memories for the construction of visual narratives through a series of photographs.

KEYWORDS: memory, photography, elderly

Introdução

Pretendemos compreender, os desafios de ensinar Arte enquanto ação educativa podendo ser colocada como prática na formação de indivíduos da Terceira Idade como público fruidor de Arte, dando lugar a experimentação artística e desbravando um envolvimento desses indivíduos com o universo da Arte. Onde, a partir de suas próprias vivências, esse indivíduo vai dialogar com a obra e tirar dessa relação sua própria experiência.

Essa problemática é refletida neste texto, produzido através das Oficinas de Fotografia em uma Instituição que abriga idosos, denominada Casa do Idoso na cidade de Juazeiro do

Norte-CE, tendo início em Agosto/2014 e finalizado em Janeiro/2015 contabiliza dois encontros semanais no período da manhã com duas turmas contendo um número de 10 participantes cada, que compreendiam uma faixa etária entre 70 a 82 anos, incluindo o desafio de trabalhar a Linguagem da Fotografia com dois grupos de idosos com as mais diversas limitações físicas e mentais. Como aluna/estagiária escolhi para me pautar teoricamente no desenvolvimento desse estágio supervisionado tendo como referência o pensamento das pesquisadoras Livia Marques Carvalho (2008) Fayga Ostrower (2010) e Ruth Sousa Regiani (2013).

Para a construção e desenvolvimento dessa oficina busquei realizar a inclusão de indivíduos da terceira idade no universo da Arte e tecnologia, voltados aos processos criativos de experimentação artística, estabelecendo relações entre poéticas pessoais com a memória. Tendo como objetivo deste relato a compreensão do ensino de Arte Contemporânea como expressão e cultura, desenvolvendo o pensamento crítico acerca da realidade visando assim refletir mais a respeito do lugar que o idoso ocupa na sociedade, escolhi portanto, a **memória** como eixo central desta experiência.

Uma breve pesquisa sobre o trabalho da artista professora da Universidade de Brasília/UNB Regiani (2013) me levou a duas possibilidades de abordagem: memória cognitiva e memória afetiva, o que me levou a optar pela memória afetiva por se tratar das recordações e experiências, fatos que estamos ligados emocionalmente, tendo encontrado nesse público alvo um vasto campo para atuar, sem contudo, descartar a memória cognitiva já que nos utilizaremos de um processo de aprendizagem no manuseio com o equipamento, no caso a máquina fotográfica.

Através de nossas memórias podemos resgatar as experiências que construíram nossa história, trazendo à tona lembranças para a construção de narrativas visuais por meio de uma série de fotografias. Partindo da ideia que a memória possui enorme potência criativa e imagética, e exatamente por isso é um excelente tema para desenvolvimento artístico em qualquer idade, optei pelo tema para o trabalho a ser desenvolvido dentro desse Estágio Supervisionado que é pré-requisito para a graduação do curso de Licenciatura em Artes

Visuais da Universidade Regional do Cariri/URCA na cidade de Juazeiro do Norte localizada na região do cariri cearense. Pensando e buscando compreender a realidade da qual os educandos estão inseridos, refletindo o porquê fazer arte, e tendo como mais importante a relação de suas vidas com a arte.

Com as experiências nas oficinas, foi possível aos educandos fazerem análise e reflexão do trabalho de alguns artistas e de seus próprios trabalhos. Através das oficinas de Artes Visuais usando como Linguagem a Fotografia, o conhecimento das técnicas artísticas foi desenvolvido e estimulado em sala de aula através das atividades propostas. Os resultados foram obtidos pela prática dos educandos comprometidos com a aprendizagem no fazer e aprender arte.

O trabalho em evidência apresenta os caminhos que impulsionaram o estudo acerca dos processos criativos e práticos para construção, como também para o desenvolvimento de uma oficina de Fotografia ministrada dentro da disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Visuais em uma Instituição da Ordem do Terceiro Setor e sem fins lucrativos denominada **Casa do Idoso** conforme imagem 1, localizada na Rua Pedro Cruz Sampaio nº341, bairro São Miguel na cidade de Juazeiro do Norte com telefone (88) 3511-2110.



Figura 1: Casa do Idoso - Arquivo pessoal – 2014

A Arte é o código de linguagem que está mais próximo dos seres humanos, é nela que usamos nossos sentidos, porém para isso, precisamos retomar a consciência do nosso eu, das relações sujeito-objeto, sujeito-sujeito e sujeito-mundo.

O Estágio Supervisionado em ONG'S e Instituições do Terceiro Setor, é a ressignificação não só da Educação, mas também de uma novo entendimento ao levar-nos enquanto alunos(as)/estagiário(as) a nos perceber agentes transformador e conscientes que somos seres humanos conectados por essência e sentidos, do qual precisamos conviver em coletividade para que possamos conhecer outras experiências como meio para transformar realidade, onde usaremos como ferramenta de mudança o conhecimento e a atuação na docência em espaços diferenciados como por exemplo em espaços educativos de ensino não formal.

Discorrendo sobre o entendimento do que vem a ser o ensino de Arte em ONG's, Barbosa(2008) ao se referir a essa compreensão atenta para a importância da ação educativa por meio da Arte, para tanto afirma:

O Movimento de Arte para a Reconstrução Social vem demonstrando a necessidade da arte para todos os seres humanos, por mais inumanas que tenham sido as condições que a vida impôs a alguém(...) As ONG's que trabalham com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade, todas elas que têm obtido sucesso, estão trabalhando com arte e até vêm ensinando às escolas formais a lição da Arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano. (BARBOSA in CARVALHO, 2008, p.7)

Por acreditar no que os autores acima citados nos apontam, buscou-se aproximar as artes visuais do universo da pessoa idosa, universo esse inserido em uma Instituição não formal de ensino.

O desafio a ser vencido nesse Estágio era justamente esse: permitir e instigar as expressões contidas em cada participante da oficina, sem tirar as características que envolve o cotidiano de uma pessoa acima dos 70 anos, e sem força-los ou induzi-los a uma prática á que considerassem desnecessária para suas vidas.

Todo o processo tanto de aceitação das turmas ao conteúdo da oficina por mim apresentado, como a minha própria pessoa mais jovem ser aceita no meio deles para uma troca de saberes, e suas capacidades de produzir processos criativos e pensar sobre Arte, deveriam ser espontâneos, sem contudo, esse processo deixar de ser mediado por mim.

Para que o leitor compreenda as etapas das experimentações vividas dentro desse contexto de trabalhar com a Linguagem da Fotografia com pessoas da Terceira Idade, abordaremos a seguir as etapas do processo realizado tendo como base o intercruzamento dos autores supracitados que fundamentaram esse percurso de estudo, trazendo entendimento e esclarecendo proposições realizadas por meio das atividades teóricas e práticas desenvolvidas em sala de aula.

A sequência executada foi a seguinte: primeiro faremos breve relato sobre as percepções dos participantes da oficina sobre o conteúdo apresentado para a oficina, em seguida tentaremos compreender o olhar desses indivíduos perante uma possível experimentação artística envolvendo a tecnologia de uma máquina digital e por fim, será apresentada as atividades práticas e teóricas desenvolvidas com o grupo.

Enfatizamos que esse relato traz ênfase ao processo de compreensão dos participantes durante as oficinas, afirmando que a produção artística desses indivíduos tem como base seu interesse despertado pela Arte ao fazerem a experiência com a mesma, sendo que esse “novo olhar” trouxe a compreensão da Linguagem Fotográfica e do tipo de conceito fotográfico abordados para os “aprendizes”.

Percepções acerca dos conteúdos abordados

Buscando apresentar a Linguagem Fotográfica trabalhando com o tema de **Memória** afetiva sem contudo descartar a cognitiva, somados a **Narrativa Visual** por meio da **Fotografia Encenada**, tentamos apresentar esses conhecimentos naquilo que tem de mais próximo possível da realidade cultural dos grupos.

Tivemos o cuidado de falarmos e compreendermos a linguagem do idoso, para tanto a pesquisa foi pautada de tal forma que o conteúdo pudesse contemplar os participantes.

No primeiro dia da oficina iniciamos com uma dinâmica de aproximação onde cada um teria a oportunidade de falar um pouco de si, para que agindo de tal forma desse um pouco a conhecer de sua vida a todos e também já iniciasse o processo de narrar sua própria história.

De início já me deparei com o primeiro obstáculo, ao perceber que para alguém acima de 70 anos que mora sem familiares em uma Casa de Idosos não seria tarefa fácil trazer à tona recordações, mesmo com a finalidade de resinificar tais fatos, nesse mesmo dia houve desistências sob a justificativa que “não gostavam de falar da própria história” conforme fala da Dona Maria Pureza (2014).

Tendo confrontado as primeiras dificuldades, avançamos para os passos seguintes onde trabalhamos com tecnologias diferentes do usual deles sempre envolvidos com programas de tv.

Na oficina seguinte assistimos ao filme **Histórias que só existem quando são contadas** que foi projetado em uma parede da sala de aula por Datashow com proporções bem maiores a que estavam



Imagem de projeção durante a Oficina e de alguns alunos - Arquivo pessoal - 2014

habituaos abordando o tema da fotografia e idosos conforme imagens apresentadas em anexo.

Obtive uma ótima aceitação, justamente pelo fato que o grupo se identificou com o enredo desse filme que narra o cotidiano de uma cidade de idosos, nada mais parecido com uma cidade de idosos que um abrigo de idosos.

A partir desse momento a oficina fluiu, tomou a direção desejada, para a parte teórica sempre me utilizando de vídeos e principalmente, fazendo uso de pesquisa na *internet* durante a aula, onde eles acompanhavam curiosos cada pesquisa feita, esse recurso didático pedagógico flexibilizou a quebra de paradigmas nesse primeiro momento no que diz respeito a ensinar e aprender Arte, de modo que o contato com novas tecnologias e sobre tudo o contato com todas aquelas imagens trazidas pelo meio virtual, tornou o conteúdo da oficina significativo ao grupo fortalecendo a compreensão e enriquecendo os debates.

Na problemática que foi elencada pelas observações por meio de conversas com o grupo e individualmente sobre *poiesis na elaboração de trabalhos artísticos de alguns artistas*, constatou-se que aqueles indivíduos ainda não compreendiam, tampouco entendiam a Arte como processo que permite o conhecimento e interpretação do mundo. O uso de mídias que nos afetam diariamente, ajudou na maturação desse entendimento conforme Figura 2.



Figura 2: Oficina de Fotografia/Casa do idoso – arquivo pessoal – 2014

Em todas as nossas aulas eram usados diversos recursos didáticos como vídeos, slides, internet, máquina fotográfica, entre outros.

Possível experimentação artística e envolvimento com a máquina digital

As atividades foram muito bem aceitas, partindo da compreensão que ilustrações e textos visuais nos convidam a aprender, revelando que visualizar o conteúdo, e que uma vez esse conteúdo visualizado, torna-se imagens, dessa forma a observação de trabalhos artísticos trouxeram uma maior aceitação e compreensão dos conteúdos mediados.

Essa observação converge para o pensamento de Ostrower ao se referir acerca de tornar familiar aquilo que se percebe apenas pela imaginação

O que, portanto, coloca-se aqui é que, para poder ser criativa, a imaginação necessita identificar-se com uma materialidade. Criará em afinidade e empatia com ela, na linguagem específica de cada saber (...) Não só a ação do indivíduo é condicionada pelo meio social, como também as possíveis formas a serem criadas têm que vir ao encontro de conhecimentos existentes, de possíveis técnicas ou tecnologias, respondendo a necessidades sociais e as aspirações culturais. (OSTROWER, 2010, p.39-40)

Intercalando teoria/prática, deixei uma máquina digital à disposição dos participantes da oficina para que iniciassem sua produção fotográfica. Foi organizada uma escala onde a cada três dias a posse da máquina mudaria, tudo isso com ajuda de um funcionário que a Instituição colocou como apoio durante as oficinas.

Ouvi nesse período frases do tipo “Quando tiver dinheiro vou comprar uma máquina dessas”, ou mesmo, como o depoimento que ouvi do administrador da Instituição “As conversas aqui na Casa mudaram, agora se fala em fotografia encenada, em fotografia das quatro gerações” se referindo a experimentação fotográfica de Dona Luzia onde ela fotografou as gerações de sua família. Dona Luzia é uma senhora de 72 anos de idade participante da oficina que trouxe a cena de sua lente objetos de uso pessoal aos quais ela atribui grande valor afetivo ao ponto de confundirem-se com sua própria história de vida, fazendo narrativas visuais por meio dessas imagens.

Portanto, um dos maiores desafios, entre tantos encontrados, foi desenvolver uma alternativa para a experimentação fotográfica de um dos participantes, que além de cadeirante não tem os movimentos dos braços e mãos conforme Figura 3, para esse caso específico precisei utilizar um tripé, o conteúdo abordado o ajudou na compreensão que seria o autor da



Figura 3: Aula prática/Casa do Idoso – Arquivo pessoal - 2014

fotografia, embora não pudesse pegar efetivamente na máquina fotográfica mas ao idealizar a composição e o foco.

A compreensão acerca dos trabalhos com a Fotografia oportunizou aos idosos redimensionar o olhar e o pensamento cognitivo e reflexivo ao possibilitar a criação.

Atividades práticas e teóricas desenvolvidas com o grupo

Com a posse da máquina, os idosos passaram a experimentar como compor uma fotografia, a utilizar a luz, o enquadramento, a regra dos terços e com base na parte teórica dessa oficina, perceberam que em seus trabalhos precisariam atentar para a importância da

contribuição do lúdico como mais um dos componentes para compor seus experimentos conforme Figura 4, 5, 6 e 7.



Figura 4: Trabalho em fotografia realizado por Dona Luzia durante Oficina - denominado: Fases- 2014

Realizando narrativas visuais, resignificando suas histórias de vida ao trazer para o foco da máquina fotográfica memórias, descontextualizando fatos atribuindo-lhes valores e conceitos artísticos, como o trabalho da Dona Anunciata em que encena uma “surra” que teria levado de uma patroa e se fotografa na cena utilizando um tripé.



Figura 5: Experimento com Fotografia de Dona Anunciata/Casa do Idoso – Arquivo pessoal – 2014

Sobre a narrativa visual tendo como elemento central a memória afetiva, Regiani 2013, aponta que:

O resultado é a construção de novos passados seguindo o próprio funcionamento psíquico da memória, que divide ou agrupa elementos, modifica a ordem dos acontecimentos, intensifica instantes insignificantes temporalmente, porém decisivos emocionalmente.

Nossos objetos se abastecem da incongruência e contradição do funcionamento da memória e transformam o passado em algo tão plástico e dócil quanto o futuro. (REGIANI, 2013, p.11)

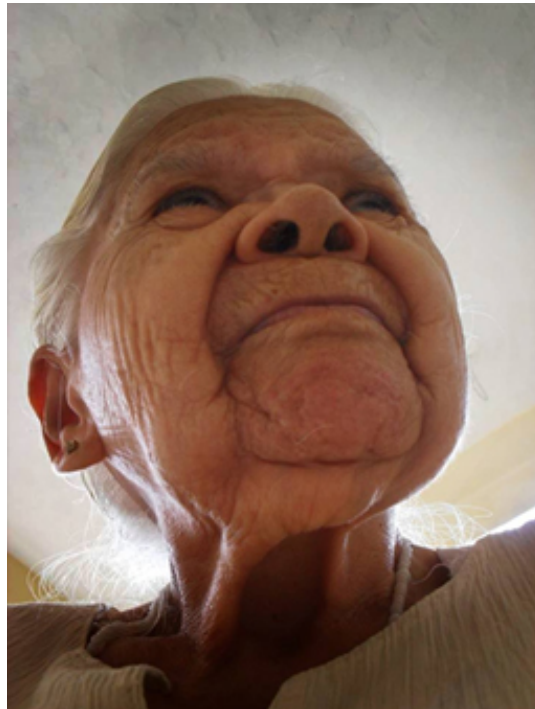


Figura 6: Experimento com Fotografia de Dona Anunciata/Casa do Idoso – Arquivo pessoal - 2014

Depois de iniciado os experimentos tendo como base os conteúdos estudados durante a oficina, passei a acompanhar alguns trabalhos mediando na execução de ideias já elaboradas, visto que na maioria dos trabalhos práticos não estive presente devido a agenda da Instituição não permitir.

Os resultados foram chegando, muito bons por sinal, como por exemplo na imagem 6 acima anexada, onde a senhora Anunciata de 76 anos e autora da imagem, buscou como referência o trabalho do artista Karstem Thormaehlen, buscando fazer uma narrativa visual de sua história pessoal ao fotografar suas rugas, recorrendo aos conteúdos abordados na oficina como o caso do trabalho do fotógrafo supracitado.

Esse foi um dos casos onde não participei pessoalmente no momento da execução da foto, minha contribuição foi significativa, mas restrita ao ambiente da sala de aula.

Para outros casos quando acontecia essa escala no período da oficina pude contribuir com a mediação também na construção da cena.

Essa mediação acontecia da seguinte forma: sempre nos dias da oficina em sala de aula, depois de uma conversa com o idoso que estava na escala com a máquina, e com a participação dos colegas, saíamos do ambiente fechado da sala aula e nos dirigíamos a outro espaço com objetivo de compor a cena para a fotografia, a turma assistia a tudo, onde por vezes precisamos refazer por duas ou três vezes a mesma cena para fotografá-la, assim dinamizando também no processo de aprendizagem, o que chamei de aulas de campo, conforme imagem 7.



Figura 7: Aula de campo/Casa do Idoso – Arquivo pessoal – 2014

Com o encerramento da Oficina, recebi do administrador da Instituição o convite para realizar mais um trabalho com o grupo, e nesse trabalho inclui na proposta, visita a espaços expositivos e ateliê de uma das artistas que estudamos de nossa região a fotógrafa Telma Saraiva 1929-2015.

Conclusão

Diante do que fora exposto conclui-se que o lúdico constitui-se em uma estratégia importante para o aprendizado em artes visuais, mas que essa experiência não seja conduzida apenas pela sensibilidade, mas tenha como um de seus eixos o pensamento organizado, por meio de pesquisas e planejamentos, para que a Arte possa de fato fluir dentro da sala de aula e não ser apenas um passatempo promovido por uma disciplina não séria.

Foi o que observei com o andamento da oficina, onde cada vez mais vi aqueles indivíduos respeitarem e admirarem a Arte, inclusive chegando ao ponto de fazerem pesquisas por conta própria e trazerem esse conteúdo para sala de aula.

Outro ponto observado durante as experiências é que precisamos oportunizar aos educandos processos práticos onde eles possam interagir com seu próprio processo criativo, ao deixá-los se desafiarem, se decepcionarem, ficarem felizes com os resultados e dialogarem com as múltiplas possibilidades que um trabalho com a Arte pode trazer.

O trabalho me favoreceu com uma experiência significativa para minha vida acadêmica, e abriu espaços para mais pesquisa nesse campo, para buscar mais respostas à relação que a pessoa idosa tem com a Arte.

Onde percebi que é possível, mesmo quando se envolve tecnologias, a adesão e compreensão de educandos da Terceira Idade, o que me surpreendeu, visto que a pessoa idosa por vezes parece avesso as tecnologias ou “modernidades”, e que pode-se sim, elaborar um conteúdo mais complexo para o processo educativo desses indivíduos, que apesar de suas aparentes fragilidades são altamente colaboradores junto a proposta.

O resultado final nos contemplou ao ponto de planejarmos juntos uma exposição de nossas fotografias para o futuro, quem sabe em galeria no Centro Cultural Banco do Nordeste ou SESC, ou quem sabe no Museu de Arte Contemporânea – MAC, ou em qualquer outra galeria do mundo, claro que são apenas sonhos, que postos em prática tem grande chance de serem reais.

Em contrapartida, fiquei com a certeza que tenho muito o que aprender, e que as possibilidades de reflexões que esse Estágio me favoreceu acerca dos erros cometidos durante o percurso, me ajudou a atentar que para o ensino de Artes Visuais, exige-se para obtenção do resultado proposto, dedicação e flexibilidade.

Contudo, vivemos momentos apaixonantes onde aproveitamos as diferenças ao invés de toma-las como problemas.

Esperamos com a conclusão dessa etapa no curso de Licenciatura em Artes Visuais ter alcançado a meta de uma formação mais adequada aos desafios sociais.

Referências

CARVALHO, L.M. **O Ensino de artes em ONG's**. 1º Ed. Cortez. 144 páginas. São Paulo, 2008.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro, Vozes, 2010.
REGIANI, R.M.de S. **MADE-UP MEMORIES CORP** A ficção como estratégia na construção de Lembranças Inventadas. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais com área de concentração em Poéticas Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

FALCÃO, Janaína. Estratégias Narrativas: O Auto-Retrato e a Fotografia Encenada Na Construção de uma Poética Visual. **Artigo**. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

Ana Claudia de Sousa Farias - Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri - URCA. Participa do Grupo de Pesquisa de Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos - GPEACC. Com exposição Transversalidades 2014 Fotografia sem Fronteiras - Centro de Estudos Ibéricos, na galeria do Poço da Cultura em Guarda - Portugal. Associada a FAEB - Federação dos Arte/Educadores do Brasil. Professora de Arte no Colégio ÁGAPE do Cariri/ em Juazeiro do Norte - CE. Desenvolve trabalhos em Fotografia, Desenho e Ensino de Artes Visuais.